

## MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA “VISÃO ALÉM DO ALCANCE”?

*WOMEN IN SPORTS JOURNALISM: A “VISION BEYOND THE SURFACE”?*

*MUJERES EN EL PERIODISMO DEPORTIVO: ¿UNA VISIÓN MÁS AMPLIA Y PROFUNDA?*

Adriana Brum\*, André Mendes Capraro\*

**Palavras chave:**

Jornalismo.  
Esportes.  
Identidade de gênero.  
Meios de comunicação.

**Resumo:** Apesar de serem maioria nas redações jornalísticas brasileiras, as mulheres ainda são, aparentemente, minoria nas editorias de esportes dos meios de comunicação. Também são minoria as reportagens sobre esportes e atletas femininos. Visamos melhor compreender, utilizando a metodologia da História Oral, com entrevistas de dez jornalistas da área esportiva em Curitiba (Paraná, Brasil), o ponto de embate social entre três campos distintos e inter-relacionados: esporte, gênero e mídia, sobre as dificuldades que elas encontram em seus trabalhos e quais processos utilizam para selecionar as informações com força para se tornarem notícias. Em seus relatos, verificou-se que reproduzem o modelo de produção jornalístico sob a dominância masculina e capitalista no esporte e que também estão sujeitas a pressões.

**Keywords:**

Journalism.  
Sports.  
Gender identity.  
Media.

**Abstract:** Despite being a majority in Brazilian newsrooms, women still seem to be a minority in sports departments. News about female sports and athletes are also a minority on the media. By using the methodology of oral history and interviewing ten sports journalists from Curitiba (Paraná, Brazil), we intend to better understand the social point of collision between three distinct and interrelated fields: sport, gender and media, focusing on the difficulties they face in their jobs and the processes they use to select information with potential to become news. In their speeches, they reproduce the journalistic production model under capitalist and male dominance in sport, also subject to pressures.

**Palabras clave:**

Periodismo.  
Deportes.  
Identidad de género.  
Medios de comunicación.

**Resumen:** Aunque son mayoría en el ámbito periodístico brasileño, las mujeres todavía son, probablemente, minoría en las secciones de deportes de los medios de comunicación. También son menos los reportajes sobre deportes y atletas femeninas. Este trabajo tiene como objetivo entender mejor, utilizando la metodología de la Historia Oral, con entrevistas a diez periodistas deportivas en Curitiba (Paraná, Brasil), cuál es el punto de enfrentamiento social entre tres campos distintos y relacionados entre sí: deporte, género y medios de comunicación, centrándose en las dificultades que encuentran en su trabajo y qué procesos utilizan para seleccionar la información con potencial de convertirse en noticia. En sus relatos, se constató que reproducen el modelo de producción periodístico bajo la dominación masculina y capitalista en el deporte y que también están sujetas a presiones.

\*Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil.  
E-mail: adribrum@yahoo.com.br

Recebido em: 05-01-2015

Aprovado em: 20-06-2015



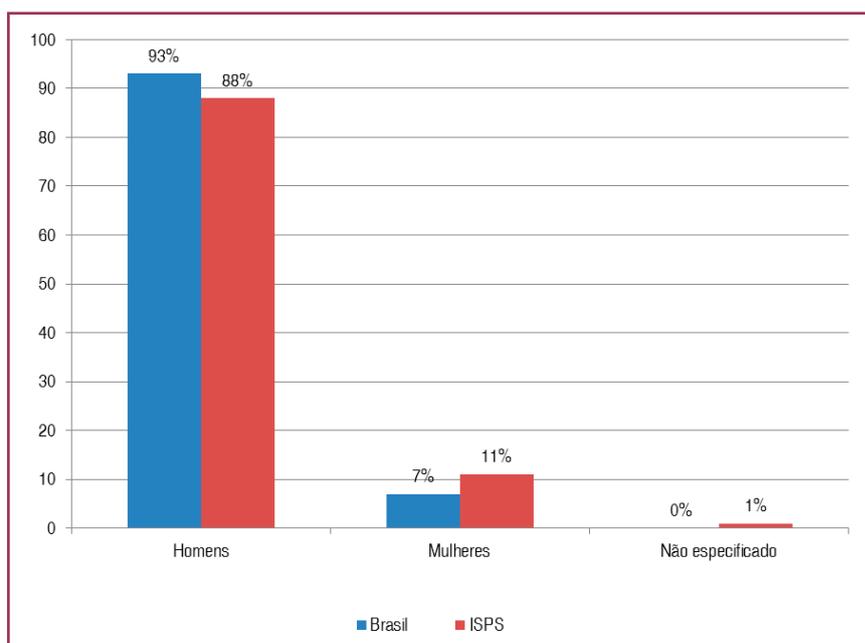
## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as mulheres são maioria nas redações de jornais, ocupando cargos de chefia nos meios de comunicação. Uma pesquisa divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas (BERGAMO *et. al.*, 2013) aponta que elas representam 64% dos profissionais nas redações. Nas editorias de esportes, porém, seguem como minoria.

Pela dificuldade em encontrar dados<sup>1</sup>, não é possível precisar qual a proporção entre homens e mulheres jornalistas que atuam nas editorias de esportes no Brasil. Contudo, um levantamento feito pela *German Sport University Cologne* (HORKY; NIELAND, 2011), o *International Sports Press Survey* (ISPS) aponta que apenas 8% dos textos jornalísticos pelo mundo na cobertura esportiva são assinados por mulheres. No Brasil, apenas 7%.

A mesma pesquisa mostrou que o jornalismo esportivo é um mundo masculino também na temática: do material veiculado em jornais de 22 países<sup>2</sup>, 85% das reportagens é sobre atletas e modalidades masculinas e apenas 9% sobre mulheres atletas ou modalidades femininas (os outros 6% não especificam gênero).

**Gráfico 1** – Perfil de gênero nas matérias assinadas em cadernos esportivos



Fonte: apublica.org, 2012.

Interessa-nos investigar como as mulheres jornalistas desenvolvem seu trabalho em uma área predominantemente masculina, sobre uma temática também predominantemente masculina, o esporte.

Trata-se de três campos distintos, mas inter-relacionados: o do gênero, o do jornalismo e o do esporte. Para o sociólogo Pierre Bourdieu (1983, p. 90), a estrutura do campo “[...] é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se

<sup>1</sup> Nem a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e nem a Associação Brasileira de Cronistas Esportivos (Abrace) têm números atualizados sobre quantos profissionais de cada sexo estão cadastrados nas duas entidades.

<sup>2</sup> A ISPS avaliou 17.777 matérias de 81 jornais no período de abril a julho de 2011. No Brasil, foram avaliadas 556 reportagens dos jornais *O Globo* (RJ), *Tribuna de Minas* (MG) e *Meia-Hora* (RJ).

preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores”. Um campo é identificado na constituição e na definição dos seus objetos de disputa e de seus interesses específicos. Segundo Bourdieu (1983), o campo esportivo provém de uma ruptura (progressiva ou não) das atividades lúdicas ancestrais, até se constituir numa área de práticas específicas, onde se coloca e se investe toda uma cultura ou uma competência específica. Contudo, emerge predominantemente pelo gênero masculino.

Apesar de não trabalhar propriamente com o conceito de gênero<sup>3</sup>, Bourdieu (2007) trata de uma perspectiva simbólica a questão da dominação masculina, que seria uma forma particular de violência, em que a biologia e os corpos seriam espaços em que a desigualdade dos sexos seria naturalizada: “*Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais*” (BOURDIEU, 2007, p. 156).

Sendo o esporte um espaço predominantemente dos homens, é um campo em que o poder de dominação masculina aparece com:

[...] uma violência simbólica, uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólica da comunicação, do conhecimento, ou, mais precisamente, do descobrimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2007, p. 8).

Não surpreende, portanto, quando Coakley (2007, p.246) afirma que a “[...] participação no esporte entre garotas e mulheres não vai seguir crescendo automaticamente, de forma natural. [...] Há a tendência, na maioria das culturas, em dar prioridade a esportes masculinos e atletas homens. Isso ocorre porque o **mundo esportivo geralmente é dominado, identificado e centrado no masculino**” (tradução e grifo nossos).

Por isso, com o interesse em investigar como as mulheres jornalistas das editorias de esportes atuam, também se pretende verificar quais critérios elas utilizam para selecionar as informações com potencial de se transformar em notícias<sup>4</sup>, observando a seguinte questão-problema: como, em seu trabalho, essas profissionais seguem os enfoques comumente abordados por homens jornalistas na cobertura esportiva ou buscam, de algum modo, contribuir na elaboração de suas pautas<sup>5</sup> e reportagens que assinam para dar maior equidade no que é publicado entre os gêneros sobre o esporte?

Para tanto, optou-se por entrevistar jornalistas esportivas mulheres. O grupo de profissionais que contribuiu para esta investigação foi formado por profissionais com formação acadêmica em Comunicação Social/Jornalismo atuantes nas editorias de esportes de meios de comunicação na cidade de Curitiba<sup>6</sup> no primeiro semestre de 2013.

Tais entrevistas foram realizadas utilizando a História Oral como metodologia, visto que ela “lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...] traz a

3 A construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros (SAFFIOTI, 1992, p. 210).

4 “Notícias são uma combinação de (1) importância e (2) interesse. [...] Uma informação será tanto mais forte – e atrairá mais o leitor – quanto mais dessas duas características tiver”. (PINTO, 2009, p. 60). Outros critérios que dão força à notícia são: ineditismo; improbabilidade; utilidade, apelo, empatia; conflito, proeminência.

5 Pauta, na definição de Nilson Lage (2003), refere-se a: a) ao planejamento de uma edição (nas redações estruturadas por editorias – de cidade, política, economia, esportes), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens; b) a cada um dos itens desse planejamento quando atribuído a um repórter.

6 Capital do estado do Paraná, no sul do Brasil, com 1,76 milhões de habitantes, cidade com o 4º maior PIB (Produto Interno Bruto) e o 10º melhor IDHM (índice de desenvolvimento humano) do país. (ATLAS BRASIL, 2013, disponível em [http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2013.aspx?indiceAccordion=1&li=i\\_Atlas2013](http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2013.aspx?indiceAccordion=1&li=i_Atlas2013) Acesso em: 12 set. 2013).

história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (THOMPSON, 1998, p. 44-45). Optou-se pela tipologia da história oral temática, em que “as entrevistas versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido. [...] adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes” (ALBERTI, 2005, p. 37-38).

Para as entrevistas, foi criado um roteiro norteador de perguntas, que contou com questionamentos em quatro eixos: a trajetória pessoal no jornalismo esportivo; a escolha das pautas e o que influencia as decisões sobre o que é noticiável; a mulher no jornalismo esportivo; a cobertura jornalística do esporte feminino.

A partir dos relatos dos entrevistados, tem-se a possibilidade de se ativar uma memória coletiva de um grupo, visto que, quando uma pessoa dá o relato de suas vivências, o faz sobre um tempo, um lugar e um contexto social específicos. E, como aponta Meihy (2011, p. 14), a História Oral, ao valer-se da memória, “[...] estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins”, neste caso, o de mulheres jornalistas do campo esportivo. Ele destaca que não é somente a somatória das entrevistas feitas com um mesmo conjunto de participantes que permite atribuir o caráter “social” ou “coletivo”, mas, sim, a repetição de certos fatores que, por fim, caracterizam a memória coletiva.

O uso das entrevistas individuais evoca nos entrevistados o resgate de informações sobre o que viveram, conforme foi registrado pela própria memória. Pollak (1992) afirma que a memória é um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes, além de um elemento constituinte de identidade. Justamente por ser um fenômeno construído social e individualmente, há uma ligação muito estreita entre ela e o sentimento de identidade, este tomado no seu sentido mais superficial, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros.

Pela História Oral, intenta-se buscar elementos identitários do grupo de jornalistas que apontem como atuam em sua área em relação à cobertura dos esportes e ao gênero. Também evocando suas narrativas de sua rotina de trabalho, objetiva-se buscar em sua memória como seus comportamentos influenciam a definição do que será ou não notícia e sob qual ponto de vista.

## 2 O CAMPO JORNALÍSTICO E O ESPORTE

Cabe lembrar, contudo, que a “reserva masculina”<sup>7</sup> do campo esportivo justifica-se não pela biologia dos corpos de homens e mulheres, mas por aspectos sociais, culturais e históricos (BOURDIEU, 2007). Jay Coakley (2007) afirma que o esporte é reflexo do mundo social e, ao mesmo tempo, constitutivo desse mundo. É lugar em que mundos sociais são produzidos, reproduzidos e alterados. Para o autor, cabe ao jornalismo especializado na área registrar e publicar para a sociedade, de forma contemporânea, os fatos que são produzidos, reproduzidos e alterados pelo esporte:

Jornalistas esportivos são peças-chave nesse processo construtivo **porque representações do esporte podem influenciar as ideias e crenças** que as pessoas usam para definir e dar significado a si mesmas, [...] (COAKLEY, 2007, p.432, tradução e grifos nossos).

<sup>7</sup> Eric Dunning (1992) aponta, a partir do exemplo do *rúgbi* na sociedade britânica, que os esportes com maior índice de agressividade e violência se tornaram um dos poucos espaços de reserva de identidade masculina.

Ao mesmo tempo, destaca Bourdieu (1997), o mundo do jornalismo tem seu próprio campo, é um microcosmo com leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos. Por isso, é de fundamental importância compreender a prática daqueles que fazem parte desse campo e que mecanismos utilizam para fazê-lo funcionar e produzir seu principal produto, a notícia.

Tentar desvendar os processos que tornam um acontecimento noticiável – ou seja, com tributos que interessem aos jornalistas e que sejam considerados relevantes para publicação – é um dos interesses das teorias de comunicação que focam nos emissores de informações e na lógica produtiva dos meios de comunicação.

Pensando em como os jornalistas selecionam o que pode ter valor de notícia, elaborou-se o roteiro de perguntas para as entrevistas com mulheres jornalistas esportivas em Curitiba, visando ter mais informações sobre se a equidade de gênero é um dos critérios de avaliação considerados para a produção das reportagens.

Para Tuchman (1983), o sistema de pensamento do senso comum da categoria jornalística formula uma lógica de atuação profissional a qual aponta que a função do jornal é fornecer relatos dos acontecimentos de uma forma narrativa. E como escolher as narrativas noticiáveis entre uma pluralidade de acontecimentos diários?

Pierre Bourdieu (1997, p 25) afirma que jornalistas usam “óculos especiais”, através dos quais veem certos acontecimentos e não outros. Tais óculos são analogia para os critérios que tornam um fato com maior ou menor grau de noticiabilidade – “*news values*” (valores/notícia). Quanto mais um acontecimento reúne essas qualidades, maiores serão suas possibilidades de ser incluído no jornal:

Os valores/notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído. (GOLDING - ELLIOTT, 1979, 114)

### 3 AS PARTICIPANTES: JORNALISTAS ESPORTIVAS EM CURITIBA

Foram selecionadas como participantes dez jornalistas que no primeiro semestre de 2013 atuavam em editorias de esportes de veículos de comunicação de Curitiba. A média de idade das profissionais<sup>8</sup> é de 27,9 anos. Todas são graduadas no ensino superior e cinco possuem cursos de especialização. Uma ocupa o cargo de editora, uma é autônoma e as demais são repórteres. Dentro de suas editorias, representam 15% das equipes. Duas atuam em jornal impresso (ambas como repórteres), uma em internet (como autônoma); três, em televisão (uma editora, duas repórteres), quatro em rádio (todas repórteres). Apenas uma tem filhos (dois). Ela e mais duas das entrevistadas são casadas. As demais, solteiras.

Não foram incluídas jornalistas que atuavam como *free lancer* ou na assessoria de imprensa ou as que somente atuavam na apresentação de programas esportivos, sem participação na elaboração das pautas, reportagens e edição. Foi considerado fator de inclusão a formação acadêmica em nível superior em Comunicação Social. As entrevistas foram realizadas entre maio e junho de 2013, pessoalmente, registradas em áudio, com um gravador digital e com autorização das participantes.

<sup>8</sup> Os nomes das jornalistas não serão citados. Serão referidas pelo tipo de meio que comunicação em que atuam (ex: repórter jornal 1).

O fato de não ocuparem, em sua maioria, cargos de chefia implica que a decisão sobre o conteúdo selecionado para ser publicado e a finalização das reportagens assinadas por elas passa por edição de superiores, podendo sofrer alterações de forma e conteúdo.

Chama atenção em seus relatos também a falta de perspectiva de ascensão profissional dentro dos veículos em que atuam. A mais experiente, a repórter de jornal 1, com 38 anos, é repórter há dez anos e não tem interesse em subir para o cargo de editora porque isso lhe tomaria mais horas do dia, atrapalhando a criação de seus dois filhos.

**Hoje minha vida pessoal conflita com a minha vida profissional. E a gente tem uma dedicação [ao trabalho] maior que outras áreas por causa dos nossos horários que são assim. Hoje eu penso até em deixar a área por causa desse conflito com a família.**” (repórter jornal 1, 38 anos, grifos nossos).

A contrapartida do aumento de salário, afirma, não seria proporcional. Outras repórteres apontaram o desejo da maternidade e a falta de um plano de carreira bem delineado nas empresas onde atuam como fatores críticos da profissão escolhida. Em comum, o gosto pelo esporte antes da carreira jornalística foi o que as levou a tal posto.

**Escolhi jornalismo esportivo porque faço esportes desde pequena, tênis, natação, [...] queria uma profissão que me permitisse seguir ligada no esporte. [...] já tive a oportunidade de sair de Curitiba [para trabalhar] e não quis, hoje meu foco é muito mais família e por isso, hoje penso seguir na reportagem.**” (repórter televisão 1, 27 anos, grifos nossos).

Nessas falas, tem-se o exemplo de que a maternidade e a família se apresentam como instituições praticamente excludentes ao trabalho. Nessas entrevistadas parece ainda manter-se a noção de que as necessidades da reprodução biológica contribuem para determinar a organização simbólica da divisão social do trabalho. Bourdieu (2007, p. 33) destaca, contudo, que essa construção arbitrária do biológico, do corpo masculino e feminino e de suas funções “dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão do trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho”.

Essas mulheres se dispuseram a se inserir em um campo há muito dominado por homens e, apesar de sua entrada no campo parecer ter sido pacífica, despertam uma constante desconfiança sobre sua capacidade de se equiparar em qualidade com o trabalho masculino. Elas mesmas aprendem a usar tal recurso, diferenciando-se pelas tarefas executadas:

**O que vemos é jornalista com rostinho bonito apresentando programa esportivo na televisão. Mas no jornalismo mesmo, no campo, ou indo cobrir outros esportes, acho que os homens que estão no jornalismo esportivo, os mais velhos, principalmente, não acreditam que as mulheres possam fazer uma boa função, e também dos ouvintes, leitores.** (repórter rádio 4, 24 anos, grifo nosso).

As entrevistadas relataram ter alto poder de decisão na escolha do que entrará em pauta. Apenas uma afirmou ter baixa influência nessas decisões. Quatro afirmaram ter alto poder de decisão e cinco destacaram ter total autonomia para mudar o que foi proposto inicialmente e até mesmo “derrubar a pauta” (matéria que não tem valor/notícia suficiente para publicação). Questionadas sobre quais fatores importam para tornar uma informação em pauta (que aumenta a *news values* da informação em editorias esportivas), responderam: cobertura e resultados de jogos; conquistas inéditas, histórias de superação, histórias de atletas locais com destaque nacional e internacional<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Nesse quesito, leva-se em conta o critério de cobertura jornalística dos fatos locais: mesmo em um esporte de pouco apelo midiático ganha espaço na pauta pelo caráter de atender a cobertura das notícias da região.

O que vale pauta em tevê é ter uma boa história que seja de interesse do público. Quando cheguei à tevê, **o que mais me diziam era ‘tira a informação do texto’**. [...] Tem de ter a **narrativa**, com curiosidades tentar florear a narrativa. (repórter televisão 1, 27 anos, grifos nossos).

A totalidade das jornalistas afirmou que gênero não é um dos fatores levados em conta na definição dos temas, apesar de ser recorrente em seu discurso que a mulher jornalista na área esportiva tem como diferencial um “olhar próprio”.

Porém esse foco diferenciado não se refere a outras mulheres no campo esportivo e sim a sua própria capacidade de, como mulheres, utilizarem atributos comumente associados ao feminino como fatores para auxiliá-las no trabalho. Sete delas apontaram que as mulheres agregam ao jornalismo especializado no esporte essa visão peculiar:

A mulher tem a visão além do alcance. O homem tem visão bem prática das coisas, faz o *lead*<sup>10</sup>. A mulher tem a visão mais romantizada e consegue ver além da pauta, explorar melhor as histórias. Por ser minoria [nas editorias de esportes], consegue ver que a mulher é minoria no esporte. (repórter rádio 1, 24 anos).

Acho que é natural [a mulher] ter mais sensibilidade. A mulher vê uma partida diferente [do homem]. **Traz um pouco de leveza, de suavidade. Talvez não apenas os números, as marcas [dos atletas], mas a mulher tem uma sensibilidade muito grande** para ver o atleta, a pessoa, consegue humanizar. (repórter jornal 1, 38 anos, grifo nosso).

As jornalistas indicam que os esportes que mais rendem pautas são futebol, seguido de vôlei, *Mixed Marcial Arts (MMA)* e automobilismo. Tal proporção vai ao encontro de levantamentos como o da empresa de pesquisas de mercado *Nielsen Sports*. Esta aponta que em 2012 o futebol masculino ocupou 60% dos espaços de mídia dedicados ao esporte (BRUM, 2013). A ISPS mostra que, em 2011, 74,6% das matérias esportivas foram sobre futebol, seguido de Fórmula 1 (3,3%) (HORKY; NIELAND, 2011).

Tabela 1 – Esportes mais recorrentes na mídia esportiva no Brasil e no Mundo

Predominância do futebol na cobertura dos jornais		
Esportes noticiados	Brasil (porcentagem nos jornais)	ISPS (porcentagem nos jornais)
Futebol	74,6%	40,5%
Fórmula 1	3,3%	2,2%
Vôlei	2,8%	0,6%
Natação e esportes aquáticos	2,6%	0,7%
Tênis	2,6%	7,6%
Corrida de rua	1,9%	2,3%
Artes marciais e luta olímpica	1,8%	0,5%
Outros esporte e a motor	1,4%	2,1%
Basquete	1,1%	3,6%
Esportes a cavalo	0,9%	2,3%
Ciclismo	0,7%	3,7%
Boxe	0,4%	1,8%
Fisiculturismo e fitness	0,2%	0,1%

Fonte: apublica.org, 2012

10 O primeiro parágrafo do texto jornalístico. Uma das técnicas utilizadas para compor o *lead* é a “pirâmide invertida”, em que o “texto começa com o que é mais relevante e termina com o menos importante”, hierarquizando informações. (PINTO, 2009, p. 202). O *lead* clássico responde às seguintes perguntas: Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê? Para quê?

A prioridade da cobertura do futebol é tamanha que três das quatro jornalistas que atuam em rádio cobrem exclusivamente essa modalidade, assim como a jornalista que coordena o *site* de internet. Elas destacam a demanda do mercado como motivo de tal dominância: “Levamos em primeiro lugar o apelo popular, a relevância para as pessoas. O carro chefe do nosso programa é o futebol” (editora televisão, 26 anos).

Tais falas vão ao encontro do que Wanderlei Marchi Junior (2001, p. 26-27) destaca do discurso de Bourdieu sobre a espetacularização do esporte:

Os esportes modernos [...] são práticas institucionais construídas para agentes sociais com variado e distintivo potencial de consumo, que é manifestado pelas demandas no interior do campo. Nessa esteira, o fenômeno esportivo passa a ser regido pelas relações próprias da lógica de mercado, nas quais os esportes são conduzidos ao processo de espetacularização e mercantilização.

### 3 UM EXEMPLO DE DOMINAÇÃO MASCULINA: O JORNALISMO ESPORTIVO

Pierre Bourdieu (2007, p. 44) afirma que a visão androcêntrica é continuamente legitimada “[...] pelas práticas que ela própria determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do **preconceito desfavorável** contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito” (grifo do autor).

Embora considerem ter alto poder de decisão sobre suas pautas, 80% das entrevistadas disseram sentir restrições em um campo ocupado por décadas apenas por homens. Essas contradições do discurso são uma das riquezas possíveis geradas pela metodologia da História Oral: percebe-se um embate de forças velado, que acontece inconscientemente à narradora do discurso, mas é nele marcado. Elas destacaram situações de preconceito de fontes<sup>11</sup> e colegas:

Quando um cara fala de futebol, ninguém se surpreende, mas quando é a mulher, as pessoas se surpreendem. [...]. Já tive vergonha de falar que sou jornalista esportiva num primeiro encontro. Tem a ver com me acharem masculinizada ou o cara se sentir inferiorizado. (repórter rádio 1, 24 anos, grifo nosso).

**Geralmente, o entrevistado duvida que você entenda do assunto**, faz aquele olhar desconfiado, de superioridade, não presta muita atenção na pergunta. (repórter rádio 2, 27 anos, grifo nosso).

Tais atitudes dos atletas e dos colegas de profissão homens demonstram repúdio à invasão da reserva do seu espaço viril, o esporte, desrespeitada pela inserção da mulher jornalista. Em contrapartida, nove entrevistadas destacaram que já tiveram privilégio de acesso a informação:

Uma vez, entrevistar um treinador estava bem difícil. Era setorista<sup>12</sup>, comentarista, narrador tentando e ninguém conseguia. A equipe decidiu que eu ia ligar até por isso mesmo [ser mulher] e foi batata. Liguei, me identifiquei, o cara me atendeu muito bem. (repórter rádio 3, 24 anos).

O cara quer agradar a menininha e, se [o entrevistado] não atende um cara, atende você. A mulher, com um jeitinho, consegue. (repórter rádio 4, 20 anos).

<sup>11</sup> Fontes de informação: técnicos e especialistas, informantes, personagens da notícia e analistas (PINTO, 2009, p. 181).

<sup>12</sup> Repórter responsável pela cobertura de uma área específica, em geral, um clube de futebol.

Essa “vantagem” é reconhecida pela maioria das entrevistadas, que dizem que isso ocorre pelo respeito dos homens às mulheres. Elas atribuem características comportamentais tidas como “femininas” como fatores para estarem ganhando mais espaço nas editorias esportivas. Bourdieu (2007, p.43) afirma que “[...] as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força [...]” e com as estratégias que usam, seguem dominadas, pois o conjunto de símbolos e agentes míticos que põem em ação tem seu princípio em uma visão androcêntrica.

A entrada delas no campo jornalístico esportivo se intensifica a partir apenas da década de 1990. As entrevistadas destacam dois fatores que contribuem para o aumento de mulheres nas editorias esportivas: 1) a possibilidade de ocuparem um espaço que os homens abdicaram e 2) a resposta das empresas jornalísticas à sociedade, “equilibrando” suas equipes com maior diversidade de perfis: “A mulher fazendo a cobertura do esporte masculino já começa a se tornar comum. Mas o [jornalista] homem ir ao vôlei, na ginástica, salto ornamental... Ainda **existe o repórter não querer cobrir ‘esporte de menininha’.**” (repórter rádio 2, 27 anos, grifo nosso).

O fato de serem minoria nas editorias de esportes dos meios de comunicação e serem poucas a ocuparem cargos de comando nesse campo contribui para que as pautas sigam com um olhar “tradicional” na questão de gênero, aponta uma das repórteres:

A maioria masculina nas redações contribui para a maior abordagem do esporte masculino. **As pautas, quem faz, na maioria das vezes é um homem.** [...] O cara que faz a pauta não se preocupa muito com a inovação, vai dar o que o público quer consumir. (repórter rádio 1, 24 anos).

#### 4 MULHERES JORNALISTAS E A COBERTURA DO ESPORTE FEMININO

Além de afirmarem não incluir o gênero como um dos valores/notícia na seleção das pautas, as entrevistadas indicam distinções no modo de abordagem das reportagens em se tratando de atletas/equipes masculinas e femininas:

Sempre tem um quê de superação nas pautas envolvendo as mulheres. Porque, no esporte de alto rendimento, a gente sabe que vai ser difícil para as mulheres [se estabelecerem], **a não ser que seja linda e maravilhosa. Você consegue muito mais tratar o homem de uma forma estatística:** o maior pontuador, como chegou ao recorde. (repórter jornal 1, 38 anos, grifo nosso).

Temos a recomendação de puxar muito por esse lado **feminino.** [...] Além de mostrar a mulher atleta, é **mostrar a mulher feminina,** a mulher que é dona de casa, mas faz seu esporte; faz automobilismo, luta judô, mas também é feminina. Falam para ver se ela faz a unha, usa um shortinho, cuida dos filhos. **Se for bonita, vende<sup>13</sup> mais ainda.** (repórter televisão 1, 31 anos, grifo nosso).

Destaca-se na fala das jornalistas que valores como beleza e feminilidade são importantes para a abordagem das reportagens sobre o esporte feminino. A relação de “venda”, contudo, não se limita à relação interna entre o repórter e o editor: tem mais *news values* aquela informação que atinja o maior público possível, com a abordagem que seja a mais atrativa, mesmo que não a mais informativa: “A gente não pode se iludir: **a gente trabalha também com o lbope, temos de ter resultado de jogo, gol, jogador falando. O torcedor se identifica com isso**” (editora televisão, 26 anos, grifo nosso).

13 No jargão do jornalismo, significa convencer que o material produzido merece destaque.

Ignácio Ramonet (1999, p. 11-12) lamenta que esta seja a situação geral da mídia mundial: uma situação dominada pelo mercado e pelo lucro; vive-se o momento da “*imprensa people*”, que acrescenta aos fatos cotidianos outra dimensão: são vividos por seres humanos exemplares, célebres, pertencentes à lenda dourada contemporânea. Ora, atletas correspondem a tal perfil e são exaltados pela mídia por seus resultados célebres e comportamento exemplar.

Na fala das entrevistadas, constata-se a reprodução de um discurso da competição masculina como prática esportiva “normal” e a feminina, secundária e, por vezes, atípica. “No esporte centrado no masculino, assume-se que homens são o centro da atenção sem ser necessário dizer isso” (COAKLEY, 2007, p. 247). Uma das entrevistadas diz que o jornalismo esportivo contribui para tanto:

Mesmo a jornalista mulher não encara isso [a mulher atleta] com naturalidade. Fui entrevistar uma vez a Cris Ciborg<sup>14</sup> e conduzi a matéria como se fosse estranho [ela lutar], de como ela teve de enfrentar preconceitos. **A gente meio que faz um ciclo, também colabora para que continue sendo incomum.** (repórter rádio 1, 24 anos, grifo nosso).

As justificativas para o tratamento das pautas de modalidades esportivas com mulheres receber uma tonalidade diferente – e extrapolar o âmbito competitivo, como citado pelas entrevistadas – são mais um indício do que Bourdieu (2007) aponta como “a incorporação da dominação”, e acabam reproduzindo a visão androcêntrica.

As mulheres jornalistas compõem as equipes esportivas dos jornais desde que reproduzam os modelos de pautas que já vigoravam antes de sua chegada. Essa ideologia dominante não é somente a do domínio masculino, é também a do mercado capitalista: por vezes, privilegiam os fatos com o potencial de se transformarem em boas narrativas, que prendam a atenção do público sobre o conteúdo informativo como valor de “noticiabilidade”.

Goellner (2007) lembra que não é o corpo “em si” que define a modalidade esportiva mais adequada para uma mulher e sim a discursividade construída sobre a funcionalidade do corpo e sua correlata associação aos processos de socialização que provocam e constroem tais demarcações. Dessa forma, como é decidida a seleção de temas que se tornarão reportagens nos jornais, telejornais e radiojornais e quais enfoques serão destacados para cada reportagem são questões de suma importância para a construção representativa de diversos fatores, inclusive a de gênero.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas com as mulheres jornalistas esportivas, é possível destacar que, em relação à forma que executam seu trabalho, elas se veem em um momento de maior abertura à mulher no jornalismo esportivo, acreditando em grande autonomia na decisão das pautas que produzem, embora suas falas revelem que boa parte dessa decisão tem participação de seus superiores (na maioria, homens) e outros fatores externos, como a preferência do público e índices de mensuração de audiência.

Percebeu-se que a reflexão sobre a equidade de gêneros no que é publicado nos meios de comunicação sobre o esporte ainda é incipiente. Conforme relatado pelas entrevistadas, elas

estão em processo de conquista de espaço nas editorias de esportes, convivendo com situações de preconceito tanto de suas fontes quanto dos colegas (por vezes, nem sequer identificam tais situações discriminatórias). Bourdieu (2007, p. 110) atenta para o fato de que, apesar de as mulheres estarem conquistando espaço no mercado de trabalho em diversas áreas, seus progressos não devem “[...] dissimular os avanços correspondentes dos homens, que fazem com que, como em uma corrida com *handicap*, a estrutura da distância se mantenha”, e, mesmo onde aparentemente atinge-se a igualdade, as mulheres ocupam sempre as posições menos favorecidas.

À luz dessa informação, as situações de preconceito e a falta de vislumbre de crescimento profissional dentro do jornalismo esportivo relatadas pelas entrevistadas ganham um contorno mais significativo: ao mesmo tempo em que comemoram atuarem em uma área que escolheram, as profissionais estão engendradas em um campo com pouca mutabilidade e em que pouco podem de fato interferir.

A notícia esportiva, com valor de venda para o público, acaba se inserindo muito mais compromissada com o campo do espetáculo e do entretenimento, sendo o principal exemplo o modo de produção televisivo, em que, como afirmou uma das jornalistas, vale mais uma história a ser contada do que uma matéria informativa. Embora tenham destacado que sua principal contribuição seja o “olhar próprio” feminino, percebe-se que essa visão limita-se ao modo de construção das narrativas dos acontecimentos esportivos, sem se estender a uma mudança no processo editorial de seleção e encaminhamento das pautas.

Vê-se ainda a que elas reproduzem modelos de notícia em que a atleta mulher é, não raramente, estereotipada, com valores de sensibilidade, fragilidade, beleza e à sombra das competições masculinas. Por suas respostas, percebe-se que, além de gênero não ser uma temática que permeie as escolhas do que é noticiável, inconscientemente, seguem produzindo matérias e reportagens que reforçam a imagem da “atleta, mas feminina”, contribuindo para a manutenção de um modelo de esporte em que a mulher é um elemento estranho.

As mulheres jornalistas esportivas de Curitiba mostraram em seus respectivos discursos que não é de modo totalmente consciente que valores sociais se refletem e se reproduzem. Sendo assim, tais valores são difíceis de serem alterados no e por meio do esporte, pois, por exemplo, para se estabelecerem em um campo majoritariamente masculino, “elas” tiveram que adotar as estratégias por “eles” ditadas para abordar o esporte feminino.

O fato de as jornalistas mulheres terem apontado que não consta em sua lista de prioridades de seleção de pautas a questão de gênero no esporte – seja para “equilibrar” a quantidade de reportagens quanto ao gênero ou para questionar os enfoques das reportagens tradicionalmente propostas pelo olhar de jornalistas homens – aponta que outras questões sociais de embate de poder (mesmo – e principalmente – não explícitas), como etnia, classe social, condições de acesso ao esporte e políticas esportivas podem carecer de uma avaliação crítica por parte dos jornalistas e de reavaliarem os critérios do modo de produção.

As entrevistas feitas com as dez jornalistas, longe de encerrar a questão (ao contrário!), servem de primeira investigação sobre futuros estudos de relações envolvendo, simultaneamente, gênero, esporte e mídia.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed.. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BARROS, Ciro. Jornalismo Esportivo: nem mulheres nem fontes. **Apublica.org**, 30 out. 2012. Disponível em: < <http://apublica.org/2012/10/jornalismo-esportivo-nem-mulheres-nem-fontes/> >. Acesso em: 22 maio 2013.
- BERGAMO, Alexandre, MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Quem é o jornalista brasileiro?** Perfil da profissão no país. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, 2013. Disponível em: < <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf> >. Acesso em 15 jul. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRUM, Adriana. Olímpicos veem 2014 como entrave. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 de maio de 2013. Seção Esportiva, p.3.
- COAKLEY, Jay. **Sports in Society: Issues and Controversies**. 9. ed. New York: McGraw-Hill, 2007.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio/ago. 2007.
- GOLDING, Peter; ELLIOTT, Philip Ross Courtney. **Making the News**. Londres: Longman, 1979.
- HORKY, Thomas; NIELAND, Jorg-Uwe. **ISPS 2011 First Results of the International Sports Press Survey 2011**. Koln: German Sport University Cologne, 3 out. 2011. Disponível em: < [http://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG\\_Nieland-Horky\\_ISPS\\_2011\\_3.10.2011\\_final.pdf](http://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG_Nieland-Horky_ISPS_2011_3.10.2011_final.pdf) >. Acesso em: 15 jul. 2013.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MARCHI Jr, Wanderley. **“Sacando” o Voleibol. Do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. 2001, 266f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Unicamp: Campinas, São Paulo, 2001.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.
- RAMONET, Ignácio. **A tirania da Comunicação**. Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. *In*: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma questão de Gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992. p.183-215.

THOMPSON, Paul. **A vez do passado**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.